IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

METÁFORAS DA MOBILIDADE DAS IMAGENS: MAPEAMENTO DE INVESTIGAÇÕES E APROXIMAÇÕES CRÍTICAS AO PROJETO ARQUIGRAFIA

SESSÃO TEMÁTICA: FOTOGRAFIA: IMAGENS E IMAGINÁRIOS DE ARQUITETURAS E ESPAÇOS URBANOS

Artur Simões Rozestraten

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

artur.rozestraten@usp.br

METÁFORAS DA MOBILIDADE DAS IMAGENS: MAPEAMENTO DE INVESTIGAÇÕES E APROXIMAÇÕES CRÍTICAS AO PROJETO ARQUIGRAFIA

RESUMO

Este artigo constrói uma perspectiva a respeito da fotografia de arquitetura, articulada aos temas da imagem e do imaginário. Considerando as submissões recebidas e os trabalhos selecionados para a Sessão Temática do IV Enanparq 'Fotografia: imagens e imaginários de arquiteturas e espaços urbanos' são identificados então horizontes e desafios para a pesquisa sobre o tema no Brasil. Tal cenário favorece uma reflexão metodológica e crítica sobre a trajetória do projeto ARQUIGRAFIA <www.arquigrafia.org.br> (FAPESP 2012/24409-2), sua estrutura de investigação e desenvolvimento tecnológico, seus resultados e suas metas futuras. Essa reflexão favorece, por fim, uma reaproximação ao campo conceitual do imaginário retomando metáforas que sustentam o entendimento da mobilidade das imagens. O artigo conclui reconhecendo a convergência de tais fundamentos conceituais no campo experimental do ARQUIGRAFIA como ambiente colaborativo, educacional-formativo e investigativo.

Palavras-chave: Fotografia. Representação. Imaginário.

IMAGES' MOBILITY METAPHORS: RESEARCHES MAPPING AND CRITICAL APPROACHES TO ARQUIGRAFIA PROJECT

ABSTRACT

This article builds a perspective on architectural photography, in connection with the image and the imaginary themes. Considering the submissions received and the works selected for the IV Enanparq Thematic Session 'Photography: images and imaginary of architectures and urban spaces' research horizons and challenges are identified for this subject in Brazil. This scenario backs a methodological and critical reflection on the ARQUIGRAFIA project path < www.arquigrafia.org.br > (FAPESP 2012/ 24409-2), reviewing its research and technological development framework, its results and its future goals. This reflection favors, finally, a rapprochement to the imaginary conceptual field retaking metaphors that support the understanding of the mobility of images. The paper concludes by recognizing the convergence of such conceptual basis foundations at ARQUIGRAFIA's experimental field as a collaborative, educational-formative and investigative environment

Keywords: Photography. Representation. Imaginary.

1. INTRODUÇÃO

1.1 MAPEAMENTO DE INVESTIGAÇÕES

Este trabalho reflete sobre o campo de pesquisa que considera a fotografia de edifícios e espaços urbanos como ponto de partida para investigações conceituais no âmbito das representações, da imagem e do imaginário da arquitetura e do urbanismo no Brasil e no mundo, com base nos trabalhos submetidos e selecionados para a Sessão Temática 'Fotografia: imagens e imaginários de arquiteturas e espaços urbanos' do IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo ENANPARQ e considerando também a experiência do projeto ARQUIGRAFIA <www.arquigrafia.org.br>.

Essa Sessão, proposta em parceria com a Profa. Dra. Ana Esteban Maluenda da Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid (ETSAM), almeja reconhecer esforços de teorização, abordagens metodológicas, estudos de caso, que promovam a atualização do 'estado da arte' e a identificação de novos aspectos a demandar pesquisas. Movia a proposta, sobretudo, o interesse em debater a interação da fotografia com:

- O universo editorial especializado impresso, eletrônico e web;
- A produção e a replicação de imaginários;
- A construção de conhecimentos e o amparo à crítica; procedimentos investigativos predominantemente visuais;
- Alternativas questionadoras de métodos, modelos, fórmulas e práticas consolidadas no ensino, na pesquisa e na extensão universitária.

A proposição de tais tópicos pretendeu estimular submissões que contribuíssem com o reconhecimento de uma ampla abordagem atual do tema, múltipla e heterogênea, expondo pesquisas concluídas e em curso que delineassem tanto um panorama contemporâneo quanto um horizonte futuro de estudos sobre o tema.

Em resposta à convocatória foram submetidos para análise e seleção 35 resumos sendo que, destes:

- 20 foram apresentados por pesquisadores doutores docentes[1];
- 14 por pesquisadores pós-graduandos[2] e graduados, sendo vários desses docentes;
- 1 por pesquisador graduando.

[1] Foi considerada sempre a titulação acadêmica mais alta no caso de co-autorias.
[2] Considerou-se como pós-graduandos pesquisadores mestres.

74% dos trabalhos submetidos são oriundos de instituições públicas e 26% de instituições privadas. Aproximadamente metade dos resumos submetidos foram produzidos por pesquisadores vinculados a universidades federais e um quarto dos resumos foram produzidos por pesquisadores vinculados a universidades estaduais.

Quanto à distribuição geográfica: 13 resumos têm como autores pesquisadores sediados em instituições do estado de São Paulo, 9 em instituições do estado do Rio Grande do Sul, 4 em instituições do estado do Rio de Janeiro, 3 em instituições do estado de Minas Gerais, 2 em instituições do estado da Paraíba. O Distrito Federal e os estados da Bahia, Pernambuco e Goiás tiveram cada qual um resumo submetido. Em síntese, 57,1% dos resumos submetidos correspondem a instituições da região sudeste, 25,7% à região Sul, 11,5% à região nordeste e 5,7% à região centro-oeste do país.

Os temas predominantes nos resumos apresentados relacionam-se a investigações sobre:

- O papel documental e patrimonial da fotografia;
- A ontologia da fotografia, entendida como o estudo de sua natureza, fundamentos e princípios que considera também aspectos relacionados às suas limitações e potenciais;

Cabe mencionar ainda a relevância de reflexões sobre:

- A produção fotográfica e os processos projetuais:
- As interações entre fotografia e as temporalidades de espaços e paisagens urbanas;
- O ‘campo ampliado’ da fotografia na confluência das artes, antropologia, etnografia, sociologia, psicologia, arqueologia, ciência da informação, design, arquitetura e urbanismo;
- Ensaios fotográficos e montagens visuais como processo de construção de conhecimento;

A análise do conjunto de resumos enviados, devidamente contextualizados na quarta edição de um evento nacional de pesquisa e pós-graduação na área de arquitetura e urbanismo, permite reconhecer ainda:

- Ao menos 3 núcleos[3] ou grupos de pesquisa que posicionam a pesquisa sobre fotografia no âmbito da arquitetura e urbanismo em diálogo com abordagens

[3] Núcleo de apoio à pesquisa – Estudos de linguagem em arquitetura e cidade (N.ELAC – IAU.USP).

relacionadas à história, às representações, à comunicação e/ou às ditas linguagens gráficas;

- Ao menos 2 iniciativas de projetos web 1.0 como repositórios ou plataformas digitais de imagens fotográficas.

Os critérios utilizados para a seleção de trabalhos consideraram:

- A pertinência à temática da Sessão;
- A presença da fotografia como ponto de partida, protagonista e eixo da investigação e não como elemento secundário;
- A investigação conceitual das representações, da imagem e do imaginário da arquitetura e do urbanismo no Brasil e no mundo;
- A interação da fotografia com o universo editorial especializado impresso, eletrônico e web, com a produção e a replicação de imaginários, com a construção de conhecimentos e o amparo à crítica;
- Procedimentos investigativos predominantemente visuais;
- Alternativas questionadoras de métodos, modelos, fórmulas e práticas consolidadas no ensino, na pesquisa e na extensão universitária;
- Capacidade de síntese e clareza, qualidade e organização lógica do resumo;
- Enunciação clara e propriedade do(s) objetivo(s) da pesquisa;
- Apresentação clara da metodologia da pesquisa;
- Perspectiva crítica do trabalho.

Os trabalhos selecionados responderam a tais critérios e permitiram traçar um panorama significativo da produção de pesquisa brasileira desde esforços que contemplam:

- O olhar do fotógrafo João Alberto Fonseca da Silva sobre a arquitetura moderna de Porto Alegre a partir dos anos 1950[4];
- A fotografia e suas interações experimentais com outros recursos gráficos, na obra da artista plástica Regina Silveira, como recurso poético para a produção de novas imagens e imaginários urbanos no Brasil dos anos 1970[5];

[4] AZEVEDO A.M. de et al. Arquitetura moderna em Porto Alegre: relatos pelas lentes de João Alberto Fonseca da Silva, 2016.
[5] FERRAZ, T.S. Regina Silveira e os anos 1970: a encruzilhada da cultura de massa e o meio urbano no Brasil, 2016.

- A tentativa de diagnóstico do papel da fotografia digital em estratégias de comunicação com base em portfolios digitais na internet, a partir do estudo sistemático do caso do escritório Jacobsen Arquitetura[6];
- A produção fotográfica como estratégia de reconhecimento e reflexão crítica, tomando o Jardim Zavaglia e o Conjunto Habitacional Eduardo Abdelnur, em São Carlos, São Paulo, como expressões arquitetônicas e urbanísticas do Programa Minha Casa Minha Vida[7];
- O estudo das transformações da paisagem urbana de Araguari em Minas Gerais, a partir da organização e análise da iconografia fotográfica da praça Manoel Bonito, produzida entre os anos 1920 e os anos 1960, e complementadas por ensaios recentes da autora[8].

A partir das características gerais dos resumos submetidos e das características específicas dos trabalhos selecionados é possível traçar alguns horizontes e desafios futuros para as pesquisas sobre o tema aqui em pauta no contexto brasileiro:

- A identificação, organização e contextualização de originais fotográficos em coleções privadas e acervos públicos e privados. Frente de trabalho que se articula diretamente ao esforço indispensável de conservação e catalogação de originais sejam esses negativos em vidro, negativos em acetato, ampliações em papel, cartões-postais, diapositivos, etc;
- A ampliação e o aprofundamento de estudos específicos sobre a produção iconográfica de fotógrafos atuantes no Brasil dedicados ao tema da arquitetura e do urbanismo em toda a extensão do território brasileiro com especial atenção às regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste;
- A ampliação e o aprofundamento de estudos específicos dedicados às dinâmicas e práticas sociais de reprodução e difusão de material fotográfico pertinente à arquitetura e urbanismo, desde as iniciativas individuais de fotógrafos amadores e profissionais, passando pelas casas editoriais de postais e ainda pelos periódicos e livros especializados ou não produzidos no Brasil desde o século XIX;
- O prosseguimento de estudos dedicados à ontologia da imagem fotográfica, analógica e digital, investigando do ponto de vista filosófico e tecnológico suas naturezas,

[6] STUMPP, M.M. A fotografia de portfólio da arquitetura contemporânea: estudo de caso Jacobsen Arquitetura, 2016.
[7] COSTA, L.B.; SCHENK, L.B.M. Experimentações metodológicas entre fotografia e cidade: o processo de ocupação do Minha Casa, Minha Vida, 2016.
[8] CUNHA, L.R. Fotografia e tempo: um estudo das intervenções na Praça Manoel Bonito em Araguari – MG, 2016.

potenciais, limites e interações complementares e hibridações com outros meios de (re)presentação e com outras expressões artísticas contemporâneas;

- O desenvolvimento de estudos tecnológicos com sentido estratégico e crítico que contemplem e aprofundem referenciais econômicos (escala de valores, investimentos necessários, recursos técnicos e humanos, etc) envolvidos na 'sustentabilidade' de projetos e iniciativas de digitalização de imagens fotográficas e difusão web;
- O desenvolvimento de estudos conceituais e experimentações práticas no âmbito da internet que explorem e construam conhecimento científico sobre as características técnicas e estruturais, espaciais e temporais, das imagens na web, assim como também sobre as dinâmicas sociais e os comportamentos humanos em ambientes colaborativos e interações via dispositivos móveis;
- A intensificação de estudos de caráter metodológico concentrados na investigação de práticas, estratégias, artifícios e dinâmicas imagéticas e iconográficas que se valham da fotografia tanto para a construção de conhecimento sobre fenômenos sensíveis – objetos, edifícios e ambientes urbanos – quanto para o desenvolvimento de processos especulativos e projetuais;
- A intensificação de estudos dedicados aos desdobramentos das imagens fotográficas de objetos, edifícios, cidades e paisagens no campo do imaginário, indo muito além das fronteiras da atuação profissional de arquitetos e urbanistas, no amplo horizonte das dimensões existenciais do construir e do habitar e de suas múltiplas e inúmeras apropriações populares.

Várias dessas frentes a demandar pesquisas são comuns também aos esforços empreendidos pelo ARQUIGRAFIA <www.arquigrafia.org.br> e tais convergências justificam empreender aqui uma reflexão metodológica e crítica a respeito da trajetória desse projeto.

1.2 ARQUIGRAFIA

Desde seu início, entre meados de 2008 e 2009, o ARQUIGRAFIA demandou a composição de uma equipe multidisciplinar de docentes pesquisadores e estudantes de graduação e de pós-graduação, para além das competências de alunos e professores das áreas de Arquitetura, Urbanismo e Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Nesse sentido, a primeira equipe composta para o desenvolvimento de projeto apoiado pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) ligada ao Mistério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) reunia também pesquisadores da área de Ciência da

Computação do Instituto de Matemática e Estatística (IMEUSP), do Centro de Competência em Software Livre (CCSL) e da área de Design Centrado no Usuário (DCU) da Escola de Comunicação e Artes (ECAUSP).

Essa equipe levou adiante o desenvolvimento do projeto 'Rede Social Arquigrafia-Brasil: estudos fotográficos da arquitetura brasileira na web 2.0' com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP 2009/18342-0) entre outubro de 2010 e fins de setembro de 2012, construindo uma primeira versão experimental do sítio web. O projeto almejava estender à Internet as práticas sociais colaborativas que constituíram o acervo fotográfico da Biblioteca da FAUUSP por meio de doações de originais feitos por professores, alunos, fotógrafos e arquitetos, constituindo na Internet um 'museu de crescimento ilimitado' como preconizara Le Corbusier em 1929.

Na conclusão da primeira etapa desse processo de investigação, em 2011, o ARQUIGRAFIA recebeu o primeiro prêmio na Olimpíada Inovação USP na área de Tecnologias Sociais Aplicadas e Humanas.

A conclusão desta Fase I do projeto em 2012 estimulou a equipe a se organizar como Núcleo de Apoio à Pesquisa (NAP), estrutura de fomento à pesquisa da Pró-reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo, com autonomia científica e tecnológica para o desenvolvimento de investigações a partir da interação entre três institutos – FAUUSP, IMEUSP e ECAUSP – no âmbito dos ambientes colaborativos na web (NaWeb) <http://nap.usp.br/naweb/>, agregando ainda pesquisadores da Faculdade de Direito (FDUSP) dedicados a questões referentes a direitos autorais na Internet.

A condução e o aprofundamento dos estudos necessários aos fundamentos conceituais de amparo aos desafios teóricos e tecnológicos do ARQUIGRAFIA estimularam a constituição de uma linha de pesquisa específica dentro do NaWeb que, em 2013, se formalizou como Grupo de Pesquisa CNPq 'Representações: Imaginário e Tecnologia' (RITe), denominação homônima à disciplina da área de concentração em Tecnologia da Arquitetura no Programa de Pós-graduação da FAUUSP (AUT5836). Esse grupo CNPq, em 2015, se integrou à rede internacional dos CRI2i como um dos *Centre de Recherche de L'Imaginaire* (CRI) sediados no Brasil.

Entre 2012 e 2013, em parceria com a Biblioteca da FAUUSP, o projeto contou com apoio da Pró-reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo (PRCEU-USP), por meio de Editais Especiais, para o desenvolvimento de esforços de conservação e difusão web de material fotográfico original referente a edifícios e espaços urbanos brasileiros existentes no acervo da Seção de Materiais Iconográficos dessa Biblioteca.

Tais esforços empreendidos na condução de uma base pública e gratuita de acesso a material fotográfico na Internet fundamentaram a chancela do Ministério da Cultura (MinC) obtida em 2013, assim como sustentaram a seleção do projeto em Edital público do MinC como plataforma web de apresentação da arquitetura brasileira na Copa do Mundo em 2014.

Desde março de 2015, a equipe desenvolve a Fase II do projeto ARQUIGRAFIA como estudos iconográficos de espaços urbanos e arquitetônicos em ambiente colaborativo na web 2.0 também com apoio FAPESP (2012/24409-2)

Ao longo desses mais de 5 anos de trajetória, a equipe ARQUIGRAFIA produziu como resultados acadêmicos diretamente ligados ao projeto:

- 8 mestrados;
- 7 Iniciações Científicas (sendo 2 bolsistas FAPESP, 2 bolsistas PIBIC-CNPq e 1 bolsista FUPAM);
- 1 Iniciação Tecnológica (PIBIT-CNPq);
- 1 Tutoria Científico-Acadêmica para alunos graduandos do primeiro ano;
- 4 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de graduação;
- 16 monitorias com bolsa;
- 7 Treinamentos Técnicos (TT) com bolsas FAPESP;
- 2 artigos apresentados e publicados em anais de encontros científicos nacionais;
- 8 artigos apresentados e publicados em anais de encontros científicos internacionais;
- 1 artigo publicado em periódico nacional indexado;
- 1 publicação específica como livro (ISBN 978-85-8090-049-5);
- 1 Manual de procedimentos técnicos (ISBN 978-85-8089-085-3).

Muito embora este seja um projeto essencialmente digital – caracterizando-se como um ambiente colaborativo público e gratuito na Internet que congrega usuários institucionais e particulares para a construção conjunta de uma ‘constelação de imagens’ em crescimento contínuo e o compartilhamento de impressões e juízos sobre tais imagens –, o escopo do ARQUIGRAFIA abrange desde a conservação de material fotográfico original do acervo da Biblioteca da FAUUSP, passando pela digitalização (realizada por empresa terceirizada contratada com recurso de Edital da PRCEU-USP), indexação e catalogação imagem a imagem, até a difusão pública de imagens na Internet resguardadas por licenças *Creative Commons* (CC).

Os esforços empreendidos pela equipe na conservação do material fotográfico original – diapositivos e ampliações em papel, predominantemente – se fundam no entendimento de que toda digitalização é provisória, gera arquivos efêmeros (em termos de resolução, extensão e suporte), e deve ser pensada estrategicamente como uma etapa em um processo cíclico, o que exige planejar outras intervenções de higienização e acondicionamento do material original, assim como digitalizações, a médio e longo prazo.

No trabalho realizado sobre o acervo de imagens da Biblioteca da FAUUSP, até julho de 2016, a equipe considera como resultados expressivos:

- A higienização, acondicionamento e digitalização de 34.000 diapositivos referentes a edifícios e espaços urbanos no Brasil;
- A higienização e acondicionamento de 6.000 ampliações fotográficas em papel sobre o mesmo tema;
- A digitalização de 3.500 dessas ampliações fotográficas;
- A indexação de mais de 3.500 imagens fotográficas pelo usuário institucional Acervo da Biblioteca da FAUUSP;

Cabe esclarecer que, de todo o material digitalizado apenas aquelas coleções que recebem autorização expressa de seus autores ou responsáveis são difundidas online. Esse parâmetro legal e o andamento do processo de catalogação individual das imagens é que definem o ritmo de crescimento do conjunto de imagens provenientes do Acervo da Biblioteca da FAUUSP e de outros acervos institucionais como o do Museu Republicano Convenção de Itu (MRCI).

Deve ainda ser considerado como resultado desse esforço técnico e metodológico de conservação de material fotográfico original o Manual[9] já mencionado que tem como objetivo principal referenciar e estimular iniciativas semelhantes junto a outros acervos fotográficos no Brasil e no exterior, apresentando e descrevendo as ações empreendidas no caso específico da FAUUSP. O manual busca assim amparar iniciativas de conservação que possam convergir para a base web do ARQUIGRAFIA reconhecendo, por outro lado, que as especificidades e singularidades de cada acervo devem ser objeto de diagnósticos, planejamento e ações específicas a serem definidas com a devida assessoria de profissionais especializados e experientes.

[9] ROZESTRATEN, A.S.; TRONCARELLI, R.C.; KUCHAR, T. (Org) *Manual de Procedimentos Técnicos do projeto Arquigrafia*. São Paulo: FAUUSP, 2016.

Outros resultados significativos dizem respeito às ontologias e processos de catalogação indispensáveis à indexação e à recuperação de informações e imagens, a saber:

- A concepção de uma lista de termos referentes a arquitetura e urbanismo em português, como base para a atribuição de *tags*[10], a partir de diferentes dicionários gerais e específicos de arquitetura[11], engenharia e arte, *thesauri*[12] e fontes web;
- A concepção de uma lista de nomes completos de arquitetos brasileiros[13] como base para a atribuição de autoria de projetos;
- A definição de um sistema de atribuição de data da imagem e data de conclusão da obra que considere aproximações possíveis;
- a construção de um sistema de busca avançada que considera, além de título e descrição: datas, autoria, localização geográfica, licenças CC e resultados de registros de impressões de características plástico-espaciais;

Essas listagens são abertas, isto é, permitem que os usuários insiram novos termos que são então moderados pela equipe e, sendo validados, são gradualmente acrescentados às listas.

Todas essas listas, assim como todo o conteúdo do site, estão em português com o objetivo de que a língua portuguesa seja um elemento articulador de acessos de usuários da comunidade lusófona como eixo cultural de uma produção arquitetônica e urbanística que, a partir de Portugal, se difundiu e se transformou em expressões singulares no Brasil, na África e no Oriente.

Do ponto de vista tecnológico, o projeto apresenta ainda como resultado a produção e registro das dinâmicas uso e interação de usuários de seu próprio ambiente colaborativo em PHP. Esse desenvolvimento de software livre tanto ampara o sistema, em um processo contínuo de aprimoramento de versões beta, quanto constitui também uma plataforma básica oriunda da generalização do ARQUIGRAFIA denominada +GRAFIA que, em síntese, permite a qualquer interessado a construção de outros ambientes colaborativos com imagens digitais (fotografias, desenhos e vídeos), para além da Arquitetura e do Urbanismo, em outras áreas de conhecimento como, por exemplo, a Botânica, a Geologia, a Astronomia, etc.

---

[10] A lista das tags foi construída a partir do Vocabulário Controlado da USP/ SIBIX considerando as da Arquitetura, Planejamento Territorial e Engenharia Civil.Os descritores do Sibix foram adequados (resumidos) para o ARQUIGRAFIA.

[11] CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart-São Paulo Livraria Editora, 1972.
ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário ilustrado de Arquitetura*. São Paulo: ProEditores, 1998.
REAL, Regina. *Dicionário de Belas Artes*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

[12] COSTA, Eunice R. Ribeiro; DOUCHKIN, Tatiana. *Thesaurus experimental de arquitetura brasileira*. São Paulo: FAUUSP, 1982.

[13] Essa lista foi composta com base no 'Catálogo de Nome Certo' da Biblioteca da FAU, construído ao longo dos anos, baseado em diversas fontes de obras de referência. (Dicionários, Diretórios, Periódicos, etc). Outra fonte fundamental para tanto foi: FAGGIN, Carlos Augusto Mattei. Arquitetos de São Paulo: dicionário de artífices, carpinteiros, mestres-de-obras, engenheiros militares, engenheiros civis e arquitetos nos primeiros 350 anos contados da fundação da cidade. São Paulo: FAUUSP, 2009.

Do ponto de vista fenomenológico, o projeto propôs um sistema de interpretação iconográfica baseado em pares de qualidades plástico-espaciais visíveis e predominantes na arquitetura ou no espaço urbano presente na imagem e desenvolveu esses binômios com base em diferenciais semânticos e *sliders* que permitem registrar impressões sobre cada par constituindo um gráfico ou perfil como resultado de cada juízo estético realizado. Após vários testes de interação, definiu-se um conjunto de seis polaridades – aberta/fechada; interna/externa; complexa/simples; simétrica/assimétrica; translúcida/opaca; horizontal/vertical – que são propostas aos usuários como parâmetros para um registro de impressões de aspectos propriamente arquitetônicos e/ou urbanísticos apreendidos a partir da imagem, e que estimulam, conforme dinâmicas de gamificação, um maior tempo de permanência e observação para cada imagem.

Se folhearmos o que Lucio Costa chamava de "álbum de família" da humanidade[14] podemos perceber que perpassando épocas, intenções artísticas, e necessidades várias, a presença da arquitetura é constante nas culturas humanas desde o Paleolítico. O tempo transcorre e a arquitetura permanece. As formas da arquitetura mudam, os materiais mudam, os recursos técnicos também mudam, mas em meio a mudanças há algo permanente e atemporal que permeia todas as expressões arquitetônicas e as aproxima.

Quando se presta atenção à permanência, a arquitetura se revela como arte dialética, isto é, como arte que lida e articula as infinitas variantes entre os extremos da presença e ausência da matéria, e as diferentes possibilidades de relacionar arranjos espaciais e atividades humanas. A arquitetura se caracteriza pelo diálogo, pela interação de tensões e resoluções entre extremos ou polaridades como: a massa e o vão, a opacidade e a transparência, a rigidez e a maleabilidade, invenção e memória, eurritmia (equilíbrio, proporção) e arritmia (desequilíbrio, desproporção), distanciamento e aproximação, peso e leveza.

Nesse território intermediário de gradações entre opostos, todas as criações arquitetônicas de todos os tempos podem se interpor. Uma imagem síntese da história da arquitetura nesse viés seria uma sinfonia policrônica, isto é, a coexistência de vários exemplos de tempos distintos reunidos no mesmo momento. A única permanência possível do tempo passado, como dizia Milton Santos[15], é o espaço. Aí, o que permanece de sensível são os objetos, a materialidade do que foi construído. Mesmo que o tempo passado não possa mais ser vivenciado, alguns de seus espaços e objetos ainda estão aqui. As arquiteturas de todos os tempos passados que continuam a existir hoje em dia, sincronizadas, conformam uma espécie

[14] COSTA, Lucio. *Conceituação*. In: Arquitetura. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002.
[15] SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

de teia que ultrapassa as divisões cronológicas e funde todos os tempos em um só: o presente contínuo.

Assim, a arquitetura pode ser entendida como uma arte do espaço, do lugar, do território, mas também da passagem do tempo, da memória e da invenção do futuro. Em outro enfoque a arquitetura pode ser entendida como arte concreta, palpável e tridimensional, mas também como arte imaginária, do pensamento, da fantasia, do desenho. Por fim, a arquitetura pode ser entendida como arte contornável e penetrável, vivencial, possível de ser vista à distância e de perto, e então percorrida, tocada, sentida.

A reunião de imagens se faz então como uma provocação – um convite à fala –, aberta a interpretações e críticas, por meio do deslocamento, rearranjo e reorganização de imagens de tempos e lugares distintos a partir de determinados princípios ou conceitos plástico-espaciais universais. A intenção é questionar leituras iconográficas condicionadas, aceitas tacitamente, sem a necessária reflexão que a fundamente como conhecimento construído sobre conteúdos arquitetônicos e urbanísticos a partir de imagens.

Como resultado do aprimoramento dessa funcionalidade de registro de impressões sobre imagens a partir de binômios de qualidades plástico-espaciais é possível:

- Construir e visualizar graficamente interpretações coletivas para cada imagem – perfis – na medida em que são sobrepostas diferentes impressões individuais;
- A partir de uma imagem para a qual exista alguma interpretação, identificar outras imagens com perfis semelhantes;
- Indicar valores dos binômios para identificar imagens que possuem perfis semelhantes, considerando um intervalo de 5 pontos acima e abaixo do índice selecionar, na busca avançada.

Todos esses resultados mencionados convergem para a consolidação de uma ‘constelação de imagens’ em crescimento contínuo que pretende estimular a cultura visual-patrimonial-paisagística-arquitetônica e urbanística, valendo-se, para tanto, da interação ativa de usuários com imagens e de usuários entre si. O desenvolvimento de aplicativos (Android, IOS e Windows) para dispositivos móveis que se encontra em andamento nesse momento permitirá que os usuários do ARQUIGRAFIA acessem e interajam com imagens e outros usuários enquanto percorrem e usufruem os mais variados espaços urbanos, o que deve favorecer tanto a dinâmica colaborativa quanto as interações sociais necessárias à construção de conhecimento coletivo sobre o tema a partir de imagens.

1.3 IMAGENS E IMAGINÁRIOS

Toda imagem sensível sustenta sua poética – ou seu potencial de 'vir a ser' de 'tornar-se', movido pela faculdade imaginativa de quem a vê – em uma materialidade tecnicamente constituída. Tal natureza poética – que constrói um 'saber fazer' sobre o 'querer fazer' e se chama técnica – não é exclusividade das imagens fotográficas, mas sim uma característica comum a todas as imagens antrópicas, das pinturas rupestres às *selfies*. Não é outra, senão também poética, a ação imaginativa que vai além da formação de imagens e se apraz em deformá-las.

Em 1943 Gaston Bachelard[16] colocou por terra a noção da imaginação como 'formadora de imagens' – pois ela é mais propriamente 'deformadora de imagens' – e propôs o termo imaginário como o 'vocábulo fundamental' correspondente à imaginação, ao invés de imagem.

A deformação de imagens, produzida pela ação imaginante evasiva, explosiva, centrífuga que multiplica imagens e as desloca, alterando-as, associando-as, transformando-as, na medida em que convoca imagens ausentes frente a imagens presentes, imagens impertinentes frente a imagens disparadoras não tem nada de rara ou infrequente: é a própria existência humana cotidiana e comum.

Sintetizando: a característica fundamental das imagens – sua mobilidade – tem como motor a imaginação e se dá no amplo espaço do imaginário. Define-se assim um estatuto revisado do imaginário.

Estas duas colocações, expostas na Introdução do 'Ensaio sobre a imaginação do movimento - O Ar e os Sonhos' são absolutamente desestabilizadoras daquelas proposições feitas por Jean-Paul Sarte em seu 'O Imaginário' de 1940[17]. Em uma visada mais ampla, as proposições bachelardianas reposicionaram a temática Imaginário-Imagem no âmbito das principais reflexões teóricas desenvolvidas na segunda metade do século XX dentre as quais as de Gilbert Durand[18].

O imaginário se apresenta como campo de depreensões. Não são as coisas em si que constituem o imaginário, mas justamente os brotamentos das coisas. O imaginário da arquitetura não coincide com o patrimônio arquitetônico entendido como conjunto de expressões materiais: edifícios, cidades, desenhos, maquetes, textos, vídeos, etc. O imaginário da arquitetura sempre ultrapassa esse patrimônio. Logo, os estudos do imaginário não se limitam a objetos concretos específicos, mas sim sobre a poética de suas

[16] BACHELARD, Gaston. *O Ar e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
[17] SARTRE, Jean-Paul. *O Imaginário*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
[18] DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

representações e de suas abordagens e apropriações, portanto, tendem a se valer de múltiplos referenciais integrados: estéticos, antropológicos, etnográficos, filosóficos, sociológicos, históricos, etc.

A partir dessa nova conceituação provocativa feita por Bachelard, o movimento das imagens pode ser tomado em um sentido metafórico, como o 'carrossel' usado para ordenar o desfile de imagens nos projetores de slides que frequentaram tantas salas de aula e como também fez Aby Warburg[19] conferindo um lento movimento cósmico às suas 'constelações de imagens' fotográficas em uma ampla abóbada celeste.

A metáfora, como figura de linguagem, promove essencialmente um reposicionamento semântico entre palavras e entre palavras e imagens. Esta capacidade motora – que altera e transfere sentidos, desloca e substitui termos, inverte-os e faz brotar assim imagens – é seu potencial e sua própria natureza poética. A metáfora é um artifício de aproximação que se vale de distanciamentos; é uma rota curva que se afasta para tangenciar pretendendo assim tomar a superfície completa das coisas.

1.4 METÁFORAS DA MOBILIDADE

Para Bruno Zevi[20], o cinema deveria ser a principal metáfora para a representação da experiência arquitetônica compreendida como fenômeno espaço-temporal. 'Vir a ser' cinema tornava-se o referencial poético almejado para a ruptura de uma tradição estática de produção de imagens fixas de edifícios e espaços urbanos. Pretendendo conferir mobilidade ao desenho de arquitetura, Zevi propôs a inversão de códigos de representação em plantas e elevações, gerando desenhos 'negativos' pelo preenchimento de espaços com tinta e a definição de massas como 'brancos' ou ausências. O sentido de 'negativo' vem da experiência da produção fotográfica e cabe ainda à fotografia, na publicação impressa, esboçar a metáfora cinematográfica apresentando frames que o leitor pode converter em filme transformando o livro em *flip-book*.

Como também preconizara Zevi em 1946, a experiência cinética dos espaços arquitetônicos se prolonga nas calçadas, ruas, praças, parques e outros espaços urbanos. As imagens da metáfora cinematográfica, transpostas para a condição da *pólis*, compareceriam então como desejo nas sequências de perspectivas à mão livre da *Townscape* de Gordon Cullen[21] em 1961. A visão serial conduziria a prática do desenho em perspectiva ao exercício de poéticas

[19] WARBURG, Aby. Der Bilderatlas Mnemosyne. Berlim: Akademie Verlag, 2003.
[20] ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
[21] CULLEN, Gordon. Paisagem urbana. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

sensíveis e atentas à diversidade e heterogeneidade da multiplicidade de elementos, formas e profundidades dos ambientes urbanos. A metáfora cinematográfica proposta por Cullen demandava o 'tempo lento' do desenho para que se fizesse possível o diálogo com a 'longa duração' perceptível nas várias estratificações que compõe as cidades.

O desenho desconstrói evidências. Desenhar é suspender um pretenso saber sobre as coisas visíveis do mundo e surpreender-se com a realidade das formas, dos espaços e das relações entre formas. O esforço do desenho é o de uma cosmogonia gráfica. Nada está dado de início para quem desenha senão a possibilidade de desenhar. Será preciso delinear tudo o que interessa e essa construção gráfica de cada trecho de traço se equilibra em um entrelaçamento complexo entre o olhar entregue ao fenômeno e uma imaginação que se ausenta e convoca 'outras coisas'. Desenhar é simultaneamente permanecer e distanciar-se, estranhar e reconhecer uma dada realidade constituindo, segundo essa natureza, imaginários.

'O imaginário segundo a natureza', aliás, é o título em português de um ensaio redigido por Henri Cartier-Bresson[22] em 1976.

A partir do título e do conteúdo do ensaio podemos concluir que Cartier-Bresson não se dedica à fotografia 'fabricada' ou 'encenada', mas àquela da 'realidade fugidia'. Para um herdeiro dos impressionistas que risca de luz seus negativos 'toda semelhança com pessoas (e objetos) reais' não é mera coincidência. É intenção artística e, não sendo a semelhança coincidência idêntica, sua fotografia nunca é registro, mas sim concepção de mundo. Condição familiar a esse fotógrafo circunstancial que é, sobretudo, um desenhista e não abre mão do desenho como fundamento plástico de seu olhar e de sua ação de construtor de imagens.

Logo, 'o imaginário segundo a natureza' pode ser entendido como o delineamento de um projeto artístico estruturado por Cartier-Bresson em um enlace relacional com a natureza, sendo que essa necessariamente deve imaginada para ser vista. A esse sentido deve se somar a compreensão possível do 'imaginário segundo a natureza' como produção resultante ou substantivo coletivo de imagens, metaforicamente denominado constelação, girândola, plêiade. Convergem, então, para um mesmo campo, projeto e produção; intenção e forma plástica sensível; desejo e poética.

Cabe ainda matizar a natureza que interessa ao fotógrafo. Não se trata daquela natureza primeira, natural, mas sim da natureza antrópica, *natura naturata*, transformada pelo homem em ambiente urbano, lugar onde habita propriamente a natureza humana.

[22] CARTIER-BRESSON, Henri. *O imaginário segundo a natureza.* São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

Foi tomando a natureza como metáfora de realidade que Cartier-Bresson construiu seu imaginário fotográfico de ampla extensão imaginária, e esse se desdobrou, desde então, em tantas outras imagens e tantos outros atos fotográficos igualmente enraizados em uma compreensão da natureza como realidade construída na medida da imaginação humana.

De um 'imaginário segundo Cartier-Bresson' irradiam-se outros tantos imaginários relacionais. Cada nova interação de suas imagens com quem imagina gera inúmeras outras imagens em um desdobramento infinito pois estes tocam e deformam outros e assim sucessiva e infinitamente.

Não há consenso, entretanto, se as fotografias de Cartier-Bresson representam um mundo já visto ou apresentam um mundo inédito visto que frente aos nossos olhos e em nossa imaginação elas mudam de posição e se movem continuamente entre tais extremos. São mesmo móveis as imagens.

Certo é que Cartier-Bresson dedicou-se à concepção e, consequentemente, à ampliação do "*conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens*"[23] que Edward Burnett Tylor, Aby Warburg, Gaston Bachelard, Mircea Eliade, Claude Lévi-Strauss, André Leroi-Gourhan, Jean-Paul Sartre e Gilbert Durand, dentre outros, investigaram no plano teórico-conceitual. Esse desenhista-fotógrafo que tanto engendrou movimento nas imagens só poderia ser também um apaixonado pelo cinema tendo participado participou diretamente da produção de pelo menos 6 curtas-metragens entre 1937 e 1971.

A mobilidade das imagens para Gilbert Durand poderia ser expressa por uma metáfora potamológica ou hidrográfica[24] sugerindo disposições iconográficas com base em sistemas ramificados ou redes complexas nas quais seria possível identificar nascentes, veios, canais, meandros, leitos de diferente porte, de ribeirões a rios largos, igarapés, afluentes, zonas alagadiças, delta e foz. Esta metáfora conduz à configuração da noção de bacia semântica como um conjunto organizado de imagens em torno de um certo tema. A natureza corrente das águas fluviais assegura a mobilidade das imagens que podem assim se deslocar de um ponto a outro do sistema, a favor ou contra a corrente, flutuando na superfície ou submersas, com maior ou menor velocidade, e maior ou menor tempo de permanência aqui e ali.

[23] DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.18.
[24] DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem.* Rio de Janeiro: Difel, 2004.

Como mais uma contribuição à ‘figuração’ da mobilidade das imagens é possível compor uma metáfora aquática, marinha mais precisamente, a partir das reflexões de Fernand Braudel[25] e Edward Burnett Tylor[26].

Essa metáfora se apoia na imagem de um desenho em corte de um trecho oceânico no qual se pode perceber uma superfície aquática que ondula e muda de forma com frequência, abaixo da qual existem inúmeras camadas mais profundas que podem ser correntes marinhas a se movimentar com maior ou menor velocidade em sentidos diversos. Abaixo destas camadas, mais ao fundo, há zonas profundas que podem ser bastante escuras e estáveis, isto é, pouco sujeitas a oscilações. Nestas regiões abissais, contudo, instabilidades ocasionais podem ter grande repercussão alterando toda a organização de camadas superiores e aflorando como grandes ondulações na superfície oceânica. A água que forma a onda, um dia esteve ou poderá vir a estar nas fossas abissais e vice-versa. Em meio a tanta instabilidade, as sobrevivências da potência de onda estão em toda parte, e suas manifestações sensíveis serão, majoritariamente, evidentes e imprevisíveis.

1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os referenciais conceituais acerca da mobilidade das imagens, das metáforas, da faculdade individual e coletiva de imaginação e dos imaginários entrelaçados aos objetos, aos edifícios e aos espaços urbanos, convergem e fundamentam o campo experimental do ARQUIGRAFIA. Aí as imagens se movem continuamente, para além de cronologias, movimentos ou períodos artísticos. Cada navegação as reposiciona individual e coletivamente, pois todo usuário pode acrescentar e deslocar imagens, resignificando-as infinitamente. As ações individuais repercutem nas construções coletivas e as representações de tais ações – como informação e imagem – se incorporam à dinâmica do sistema passando a integrar e interagir com outros usuários e suas ações colaborativas. Forma-se assim uma rede social temática que constrói conhecimento, formula juízos e revisa criticamente suas posições de maneira coletiva e conjunta, como uma proposta alternativa crítica e complementar à navegação superficial – ao olhar de sobrevôo – sobre amplos conjuntos de imagens, característica predominante da interação contemporânea com imagens digitais na web.

[25] BRAUDEL, Fernand*.* Histoire et Sciences sociales: La longue durée*.* In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 13e année, N. 4, 1958. pp. 725-753.
[26] TYLOR, Edward Burnett. *La civilisation primitive*. Paris: C. Reinwald,1876-1878.

Pretende-se assim estimular o diálogo como elemento formador de uma cultura científica que considere a dúvida, as problematizações contínuas e as subjetividades individuais postas em interação com as subjetividades coletivas como um caminho para construir conhecimento e formar pesquisadores, futuros profissionais e educadores.

O ARQUIGRAFIA cumpre então um objetivo educacional claro: complementar de modo colaborativo o material iconográfico existente a respeito da arquitetura brasileira na Internet, e interagir diretamente com estudantes, professores, pesquisadores e profissionais da área e, numa instância mais ampla, com o público em geral interessado no tema. Seu potencial é tangível tanto na educação formal quanto informal, tanto entre especialistas quanto entre leigos. Qualquer interessado no tema pode se apropriar do sistema, subir imagens, registrar suas impressões, interagir com outros usuários. Disciplinas, grupos de trabalho, grupos de pesquisa também podem fazer o mesmo. Bibliotecas, instituições, colecionadores, fotógrafos idem.

A colaboração na web é um fundamento indispensável à constituição de uma cultura de educação crítica no século XXI, pois atualiza e fomenta o diálogo, a convergência de esforços, inteligências e juízos que fundaram a cultura científica moderna e seguem sendo eixos de propósitos investigativos, críticos e formativos para o enfrentamento das frentes a demandar pesquisas quanto ao tema da fotografia no campo da arquitetura e do urbanismo no Brasil e, de modo ampliado, na comunidade lusófona.

BIBLIOGRAFIA[27]

Albernaz, Maria Paula; Lima, Cecília Modesto. *Dicionário ilustrado de Arquitetura*. São Paulo: ProEditores, 1998.

Bachelard, Gaston. *O Ar e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Corona, Eduardo; Lemos, Carlos. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart-São Paulo Livraria Editora, 1972.

Costa, Eunice R. Ribeiro; Douchkin, Tatiana. *Thesaurus experimental de arquitetura brasileira*. São Paulo: FAUUSP, 1982.

Costa, Lucio. Conceituação. In: *Arquitetura*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002.

[27] Cabe aqui um agradecimento à bibliotecária Letícia Sampaio da Seção de Materiais Iconográficos da Biblioteca da FAUUSP pelo apoio com as referências bibliográficas.

Cullen, Gordon. *Paisagem urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Cartier-Bresson, Henri. *O imaginário segundo a natureza*. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

Durand, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

Faggin, Carlos Augusto Mattei. *Arquitetos de São Paulo: dicionário de artífices, carpinteiros, mestres-de-obras, engenheiros militares, engenheiros civis e arquitetos nos primeiros 350 anos contados da fundação da cidade*. São Paulo: FAUUSP, 2009.

Real, Regina. *Dicionário de Belas Artes*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

Santos, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

Sartre, Jean-Paul. *O Imaginário*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

Warburg, Aby. *Der Bilderatlas Mnemosyne*. Berlim: Akademie Verlag, 2003.

Zevi, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.